

# Vidigal acha inevitável uma nova economia

**BRASILIA** — A política econômica do País será alterada, mesmo que o PDS ganhe as eleições para a Presidência da República, previu ontem o Presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), Luís Eulálio de Bueno Vidigal.

O empresário não acredita na continuidade da atual política econômica, caso o PDS vença no Colégio Eleitoral, porque "mesmo na época em que o candidato era tirado do bolso do colete, as regras mudavam". Vidigal acha que, agora, com uma acirrada disputa pela Presidência, "é natural que o futuro Chefe do Governo queira ditar os rumos que considera mais adequados para o País".

Para o Presidente da Fiesp, é difícil prever o que vai acontecer na área econômica durante o próximo Governo, mas destacou que as preocupações fundamentais dos empresários brasileiros são a redução do déficit público e o combate à inflação.

Vidigal considerou muito alto o aumento de sete por cento ao ano no Produto Interno Bruto (PIB), a partir de 85, previsto no plano de emergência proposto pelo Diretor-Superintendente do Grupo Pão de Açúcar, Abilio Diniz. Admitiu, contudo, que já existe espaço para uma pequena retomada do crescimento em 84, tendência que será consolidada nos próximos anos. O empresário está também pessimista em relação a uma possível queda da inflação este ano.

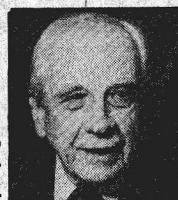


VIDIGAL

## 1 A solução 'radical' de Bulhões

B R A-  
SÍLIA —

"Eu sou  
mais ra-  
di cal.  
Procuro  
eliminar  
a infla-  
cão"



BULHÕES

completamente para poder dar sossego definitivo a todos", disse ontem o professor Octávio Gouvêa de Bulhões, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), ao se manifestar contrário a elevação do limite de 50 por cento para a expansão da Base Monetária (emissão primária da moeda), como pretende o Governo.

— O senhor acha que o monetarismo ainda pode ser praticado? — indagou um repórter.

— Não se trata de monetarismo. A minha defesa é de uma política generalizada para que no futuro não se fale tanto em moedas e se possa ter uma economia saneada — explicou Bulhões.

## 2 Dívida, o assunto de Bornhausen

S Á O  
PAULO —

A comuni-  
dade finan-  
ceira inter-  
nacional  
gostaria  
que os inte-  
grantes do

BORNHAUSEN



próximo Governo partici-  
passem da renegociação da  
dívida externa brasileira,  
junto com as atuais autori-  
dades econômicas, assim  
que se definir quem será o  
sucessor do Presidente Fi-  
gueiredo. A informação é  
do Presidente do Unibanco  
e da Federação Brasileira  
das Associações de Bancos  
(Febraban), Roberto Kon-  
der Bornhausen.

O banqueiro disse que os credores internacionais do Brasil desejam a fixação de um programa de longo prazo, que não se limite a um único Governo. Para Bornhausen, os progressos obtidos pelo País em seu balanço de pagamentos e os expressivos superávits na balança comercial lhe dão melhores condições de renegociar sua dívida ex-  
terna.

## 3 Retomada, a fórmula de Moreira

P OR-  
TO ALE-  
GRE —

A mel-  
hor saída pa-  
ra a cri-  
se brasi-  
leira ain-

MOREIRA



da é a retomada do desenvolvimento econômico, a partir da renegociação da dívida externa, afirmou o empresário Benedicto Moreira, ex-Diretor da Carteira de Comércio Exterior do Banco do Brasil (Cacex). Em palestra na Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul, ele defendeu também menor ingerência do Governo, tanto nos negócios internos quanto na política de exportação.

A dívida externa, para Moreira, só poderá ser re-  
negociada por um novo Go-  
verno, "que deverá reivin-  
dicar uma fórmula de pagá-la dentro das nossas possibilidades, ou seja,  
com prazos mais longos e juros menores".

## 4 Leonídio pede fim da estatização

SÃO PAU-  
LO — A

classe em-  
presarial  
deve exigir  
dos candi-  
dados à Pre-  
sidência da

RIBEIRO



República  
um progra-  
ma em que assumam a pro-  
messa de desenvolver esfor-  
ços para pôr fim à estatiza-  
ção da economia brasilei-  
ra. A posição foi defendida  
ontem pelo Presidente da Sul Americana de Seguros,  
Leonídio Ribeiro Filho.

Para ele, o próximo Go-  
verno deveria estabelecer  
com os empresários uma  
ponte de contato, de forma  
a permitir consultas per-  
manentes durante o pro-  
cesso de renegociação da  
dívida externa brasileira.

— "Tenho certeza de que a  
política econômica não se-  
rá mudada neste final de  
Governo Figueiredo. O im-  
portante é que as regras do  
jogo econômico sejam  
mantidas, de forma a  
criar-se bases favoráveis  
para a nova administração  
— disse Ribeiro Filho.